

História por trás da história em *Fundação*, de Asimov

Andreya S. Seiffert
Doutora em História Social - USP
bucaseiffert@gmail.com

Resumo: *Fundação*, de Isaac Asimov, é uma das mais conhecidas obras de ficção científica. Composta originalmente por três livros e posteriormente duas sequências e duas prequelas, trata da queda do Império Galáctico e a criação de um novo Império, a partir das previsões de um psico-historiador chamado Hari Seldon.

Meu objetivo é compreender a concepção de história que norteia e atravessa a construção do enredo da *Fundação*. Devido à extensão da obra, vou me ater às duas sequências, publicadas pela primeira vez na década de 1980 e explorar como a História é praticada por um dos personagens principais dos livros, um historiador-mitólogo.

Palavras-chave: *Fundação*; Ficção Científica; História;

No “I Seminário História e Literatura: Diálogos e Contaminações”, fiz parte da mesa redonda destinada a discutir literatura norte-americana. Neste segundo, tive a alegria de fazer parte de uma mesa exclusiva para pensar a ficção científica e suas relações com a História. Torço para que no III Seminário tenhamos ainda mais trabalhos nessa área.

O texto que eu preparei é parte de um novo projeto/ideia que eu tive e pretendo explorar mais a fundo nos próximos meses. Por enquanto está tudo bastante inicial ainda e por isso eu resolvi dividir com o Seminário, para ouvir o que os colegas achavam e as sugestões que eu poderia incorporar no futuro.

Eu terminei meu doutorado no final de 2019 logo antes do mundo virar de ponta cabeça. Minha tese foi sobre um grupo de escritores de ficção científica denominados *The Futurians*. Esse grupo existiu em Nova Iorque de 1938 a 1945, portanto o grupo atravessou vários acontecimentos mundiais significativos. Eu investiguei as histórias que eles produziram e relacionei com quatro temas/eixos principais: política, ciência, Segunda Guerra Mundial e relações de gênero/raça. Essas histórias foram publicadas em revistas pulp de ficção científica, que era o principal veículo do gênero à época.

A Segunda Guerra Mundial vai bagunçar isso, porque por conta da entrada dos Estados Unidos no conflito, no final de 1941, o país impôs uma série de racionamentos em materiais necessários para as revistas. Poucas delas sobreviveram à guerra. Algumas foram refeitas no pós-45, mas a criação dos paperbacks, livros impressos em papel mais fino e com custo mais baixo, fez com que as revistas fossem perdendo espaço. A ficção científica migrou, portanto, das revistas para os livros. Isso modificou também o formato dela, já que nas revistas eram

preferidos os formatos mais breves, como contos, enquanto os livros geralmente são romances (embora haja coletâneas de contos, por exemplo).

A obra que eu começo a analisar aqui e pretendo continuar investigando no futuro começou como histórias menores, mas conectadas umas às outras publicadas numa revista na década de 1940. Quarenta anos depois, o autor decidiu aumentar a obra e escreveu quatro romances, ou seja, mudou o formato. Hoje em dia essa obra, conhecida como *Fundação*, é considerada uma das principais da ficção científica e ganhou recentemente, pela primeira vez, uma série televisiva.

A trilogia original da Fundação

Em 1941, Isaac Asimov, que havia nascido na Rússia, mas mudado para os Estados Unidos aos três anos de idade, tinha 21 anos e era um escritor no início da carreira. Ele fazia parte do grupo *The Futurians*. Nesse momento, a ficção científica nos Estados Unidos e mais especificamente em Nova Iorque era um mundo razoavelmente pequeno. Havia dois grupos principais nesse período: os Futurians e os “Campbellianos”. Os Futurians reuniam jovens entusiastas com tendências mais à esquerda que tinham grandes projetos pra ficção científica. Eles queriam incorporar novas questões para o gênero. Os Futurians começaram como um grupo de fãs que aos poucos foi conseguindo se profissionalizar. Integrantes começaram a vender as histórias para as revistas em circulação e três membros convenceram editoras a lançarem novas revistas tendo eles como editores. Já os “Campbellianos” eram os escritores em torno do editor John Campbell Jr., responsável pela revista *Astounding Science Fiction*, considerada como a principal revista de ficção científica do período. Esse grupo situava-se mais à direita no plano político e também tinha suas ideias de como o gênero deveria ser. Embora possa parecer que eles eram polos opostos (e às vezes eram mesmo), havia ligações entre eles e talvez Isaac Asimov tenha sido o principal elo, já que pertencia a ambos.

Dito tudo isto, em 1941 Asimov estava lendo a obra “Declínio e queda do Império Romano”, do historiador Edward Gibbon. Ele achou a leitura fascinante e conversou com Campbell a respeito de transpor essa queda do Império Romano para o universo da ficção científica. Campbell achou a ideia excelente e sugeriu que não fosse apenas uma história, mas uma série de histórias tratando dessa queda. A primeira foi publicada em 1942 e nos oito anos seguintes foram publicadas mais sete.

A premissa da série é que o Império Galáctico, que abrange toda a Via Láctea e milhares de planetas, está em declínio. Esta queda, no entanto, não é perceptível, e apenas o

psicólogo Hari Seldon foi capaz de percebê-la, através de uma nova área do conhecimento, que ele aperfeiçoou, chamada psico-história. A psico-história seria capaz de prever as ações de grande número de pessoas – mas não funcionaria aplicada a indivíduos. Através da psico-história, Seldon previu que um período “de trevas” – um paralelo com a Idade Média – de 30.000 anos se seguiria à queda. Para evitar inúmeras guerras ele, também usando a psico-história, planejou o encurtamento do período de caos de trinta mil para mil anos e a criação de um segundo império de forma a reunificar a galáxia, erguido a partir da fundação de um planeta composto por cientistas, chamado justamente de Fundação.

Quando Asimov estava escrevendo, no início da década de 1940, havia muita especulação sobre a mente e “seus poderes”. Vale lembrar que até a década de 1970, o funcionamento do cérebro ainda era amplamente desconhecido e se especulava muito na ficção científica dos anos quarenta coisas ligadas à mente (pra se ter ideia, um tópico que aparecia bastante era a telepatia). Nesse cenário, um psicólogo seria alguém que teria um entendimento muito profundo sobre como funcionariam as mentes humanas. O personagem criado por Asimov, Hari Seldon, aprimorou esse ramo da “psicologia” que trataria dos rumos de milhares de pessoas, a psico-história.

Essa área do conhecimento, criada por Asimov e junção das palavras psicologia com história mas que na verdade seria uma matemática é um dos pontos que eu pretendo investigar mais a fundo daqui pra frente. Um ponto importante que eu gostaria de destacar é algo que um outro Futurian, Donald Wollheim, apontou já na década de 1970 a respeito da psico-história:

Eu presumo que Asimov tomou essa premissa básica de Marx e Engels, disse a si mesmo que havia um ponto aí - que os movimentos da massa humana devem estar sujeitos às leis do movimento e da interação, e que uma ciência poderia ser desenvolvida com base em matemática e utilizando todos os dados conhecidos - milhões e milhões de variáveis certamente! - isso seria o que o marxismo achava que era e nunca poderia ser.⁵

Como dito anteriormente, o grupo The Futurians estava mais à esquerda, e essas ideias e leituras circulavam bastante entre eles. Asimov sempre negou essa ligação da psico-história com o marxismo e com o passar do tempo foi procurando construir para si a imagem de um liberal. Isso funcionou muito bem, porque hoje poucas pessoas lembram que, quando ele escreveu as primeiras histórias da Fundação, fazia parte dos Futurians.

As sequências de Fundação

⁵WOLLHEIM, Donald. *The Universe Makers*. New York: Harper & Row, 1971, p. 41.

As oito histórias relacionadas ao universo da Fundação, publicadas originalmente na revista *Astounding Science Fiction*, mais uma história extra, foram reunidas em três livros no início da década de 1950: “Fundação”, “Fundação e Império” e “Segunda Fundação”. Os livros sempre venderam bem e nos anos seguintes Asimov se consolidou como um escritor de ficção científica e de divulgação científica. Bastante prolífico, escreveu centenas de títulos, mas a editora sempre o pressionava para que ele escrevesse mais sobre o universo da Fundação. Na década de 1980 ele cedeu e resolveu continuar a empreitada iniciada quarenta anos antes. Dessa vez ele mudou o formato e ao invés de histórias curtas escreveu quatro romances: duas sequências e duas prequelas. Por uma questão de recorte eu vou me ater agora às duas sequências: “Limites da Fundação”, publicada em 1981 e “Fundação e Terra”, de 1986.

Nas sequências, a psico-história é deixada um pouco de lado, talvez para se afastar ainda mais da possível conexão com o marxismo. No segundo livro, inclusive, há um “revisão histórico”, e um dos personagens explica a suposta origem da psico-história:

Diz a história, se você faz questão da tradição, que Hari Seldon delineou a psico-história a partir da cinética dos gases. Cada átomo ou molécula em um gás se move aleatoriamente, portanto é impossível saber a posição ou a velocidade de qualquer um deles. Ainda assim, usando estatística, podemos determinar, com grande precisão, as regras que governam seu comportamento geral. Da mesma forma, a intenção de Seldon era determinar o comportamento geral das sociedades humanas, mesmo que os cálculos não possam ser aplicados ao comportamento de indivíduos.⁶

Sei que é simplista e perigoso relacionar uma fala de um personagem à voz do próprio autor, mas nesse caso aqui creio que há sim uma tentativa de atribuir *a posteriori* uma explicação da suposta origem da psico-história a uma ciência exata. Da mesma maneira que Asimov quis construir essa imagem de liberal, ele e os fãs tentaram e tentam classificar sua obra como “hard science fiction” [ficção científica dura, em tradução livre], que seria uma ficção científica que teoricamente exploraria os elementos científicos das ciências duras a fundo. Na verdade, essa adjetivação de “hard” foi criada em um momento em que mais mulheres passaram a escrever ficção científica, sobretudo a partir da década de 1970. A *hard science fiction* foi atribuída aos homens e a *soft* às mulheres. Tal divisão obviamente não se sustentava, mas era uma nova forma de diminuir a participação das mulheres, afirmando que

⁶ ASIMOV, Isaac. *Fundação e Terra*. São Paulo: Aleph, 2013, p. 169.

elas não escreviam histórias com ciência “de verdade”. Ao incluir a fala que liga a origem da psico-história a uma teoria da física e não ao marxismo, Asimov procurava se firmar como escritor de “hard science fiction”.

Os dois livros da sequência de Fundação contam com dois personagens principais: um deles é o típico herói das histórias da década de 1940 da ficção científica, o homem-jovem-aventureiro-destemido que muitos escritores se projetavam, e o outro é um... historiador-mitólogo.

Por uma série de circunstâncias, eles partem para o espaço atrás da Terra, o suposto planeta de origem da humanidade. Suposto porque ninguém sabe se a humanidade teve origem em um ou vários planetas e nem qual(is) seria(m) ele(s). Passaram-se milhares de anos desde que os humanos colonizaram toda a galáxia e aqui cabe explicar porque não há vida alienígena na Galáxia, apenas humana. Quando escreveu as primeiras histórias na década de 1940, Asimov quis evitar um embate com Campbell, editor da revista em que publicava:

Campbell gostava de histórias onde os seres humanos mostravam-se superiores a outras inteligências, mesmo aquelas mais avançadas tecnologicamente. Agradava-lhe ver os humanos mostrando possuir um senso único de ousadia, ou de humor, ou uma impiedosa habilidade de matar quando necessário, que sempre lhes trazia a vitória sobre outras inteligências, mesmo contra todas as expectativas. Por vezes tenho a desconfortável impressão, no entanto, de que esta atitude refletia os sentimentos de Campbell na escala menor, da Terra. Parecia-me que ele aceitava a superioridade natural dos americanos sobre os não-americanos, e parecia assumir automaticamente a imagem de um americano como alguém originário do noroeste da Europa (...). Alguns críticos de ficção científica (particularmente Sam Moskowitz) deram-me o crédito por ter inventado a galáxia puramente humana, como se fosse alguma espécie de progresso literário. Outros podem ter pensado, em particular (pois nunca ouvi nada declarado), que eu tinha apenas inteligências humanas na galáxia porque faltava-me imaginação para criar extraterrestres. Mas o fato é que eu estava apenas tentando evitar um choque com as opiniões de Campbell; não quis estabelecer uma situação em que eu seria forçado a encarar as alternativas de adotar as opiniões de Campbell, quando as achava repugnantes, ou deixar de vender uma história (que eu também achava repugnante)⁷

Assim, Asimov criou algo novo para a ficção científica que foi a galáxia povoada apenas por humanos que aparece em Fundação para evitar reproduzir ideias racistas nas suas histórias.

Como havia se passado muito tempo desde que os humanos colonizaram toda a galáxia, os registros do início das viagens espaciais foram perdidos. A História não é um campo valorizado nesse futuro e segundo o personagem historiador isso se dá porque: “a Fundação

⁷ ASIMOV, Isaac. *O futuro começou*. São Paulo: Hemus, 1978, p. 174.

tem os olhos fixos inexoravelmente no futuro. O Segundo Império e o destino da humanidade os arrebataram. Não tinham tempo, nem desejo, de examinar o passado – e ficavam irritados com os que o faziam.”⁸ O foco está no futuro, não no passado e a História, por lidar com o passado, não é bem vista.

O historiador François Hartog chamou de “moderno regime de historicidade” o período entre 1789 a 1989. Segundo ele, nesse tempo, foi produzida uma História em que o ponto de vista do futuro predominava. Será que a literatura, ou ao menos parte dela, também não foi escrita tendo esse ponto de vista do futuro em consideração nesse mesmo período? No caso da ficção científica, me parece que sim. Desde a criação da primeira revista dedicada à ela, em 1926, a ficção científica sempre foi um gênero que olhou para o futuro. Também por muito tempo ela se valeu e alimentou a ideia de um progresso linear. Toda a ideia da criação do planeta chamado Fundação também se conecta com essas ideias. Quando Asimov decide continuar sua obra, já na década de 1980, parece entender isso e coloca esse personagem historiador questionando justamente o peso que o futuro tem, embora em essência ele não mude esse peso, como mostrarei em breve.

Uma outra discussão interessante que aparece um pouco nesses dois livros é: o que um historiador pode usar para tentar montar uma compreensão sobre o passado quando quase não há mais vestígios desse passado? Os documentos foram destruídos pelo antigo Império e quando o historiador conta isso para o outro personagem, ele diz: “Eu nunca poderia imaginar que a história seria assim tão fácil de erradicar.”⁹

O que resta para o historiador pesquisar são as lendas e também materiais que não se desfizeram com a passagem de milhares e milhares de anos. Ele assim vira uma espécie de arqueólogo. E é assim que a dupla consegue as coordenadas para os mundos que visitam atrás de informações sobre a Terra: esculpidas em um antigo prédio de um mundo agora abandonado.

Como os registros se perderam, o historiador trabalhava, antes de sair procurando pelo espaço, com mitos e lendas de forma a “decifrar” o passado. Segundo ele, e isso aparece em vários trechos nesses dois livros da sequência, as lendas contêm as verdades deformadas. Asimov até criou uma lei, chamada de “Lei de Gennerat”, que explicaria a tendência dos fatos

⁸ ASIMOV, Issac. *Limites da Fundação*. São Paulo: Aleph, 2012, p. 50.

⁹ ASIMOV, Isaac. *Fundação e Terra*. São Paulo: Aleph, 2013, p. 53.

históricos degenerarem em fábulas. Um trecho dos dois personagens conversando sobre o trabalho do historiador:

- Você não entende. Simplesmente não entende. É um campo que somente eu, e mais ninguém, pesquisou. Não há nada histórico, nada sólido, nada verdadeiro. As pessoas falam da Terra como se fosse fato e também como se fosse mito. Existem milhões de histórias contraditórias...

- Pois então no que consistiu a sua pesquisa?

- Fui obrigado a reunir todos os contos, todos os fragmentos de suposta história, todas as lendas, todos os mitos obscuros. Até mesmo ficção.¹⁰

O historiador do livro também trabalha com ficção, mas numa perspectiva bem diferente da proposta pelo II Seminário História e Literatura. Ele lembra que em uma das fábulas que estudou a grafia da Terra aparece como Gaia e a dupla então passa a procurar por Gaia, já que a procura pela Terra não chega a lugar nenhum. Eles conseguem encontrá-la mas tem uma surpresa: Gaia é um planeta que compartilha consciência e que pretende se expandir por toda a Galáxia, para que todos os organismos possam conviver em harmonia.

Essa virada nos rumos da Fundação me parece ser fruto dos debates ecológicos que começaram a ter mais força no final dos anos 1960 e da Hipótese de Gaia. A hipótese, publicada em 1972, propõe que os organismos vivos e os inorgânicos interagem de forma a manter as condições de vida na Terra. Asimov parece ter incorporado essa hipótese e a ampliado para a criação do planeta Gaia e o desfecho da sua obra.

Considerações Finais

Há ainda uma série de reviravoltas nos livros, mas basicamente o futuro da humanidade passa a ser Gaia. Assim, a continuação de Fundação de certa forma desfaz o que o Asimov havia construído na década de 1940, que seria um novo império, para uma coisa mais harmoniosa. A questão dos “poderes da mente” permanece, mas dessa vez não como uma ferramenta de dominação e controle, mas pelo contrário, algo a facilitar a integração não apenas entre humanos, mas também com outras espécies (animais e até vegetais e minerais). Assim, o futuro ainda caminha para um destino inexorável, embora diverso daquele projetado na década de 1940. Há também uma discussão sobre a perda da individualidade em um universo em que todos compartilham a consciência, algo que no mundo cibernético de hoje tem aparecido com cada vez mais frequência.

¹⁰ ASIMOV, Issac. *Limites da Fundação*. São Paulo: Aleph, 2012, p. 116 grifo meu.

Fundação é uma obra recheada de H/história. Desde sua ideia a partir de “Declínio e queda do Império Romano”, de Edward Gibbon, passando pela inspiração marxista para compor a psico-história até mudar completamente sua ideia em consonância com os debates ecológicos. Acredito que há muito a ser explorado e esse foi apenas uma primeira tentativa nesse sentido.

Referências Bibliográficas

ASIMOV, Isaac. *Fundação e Terra*. São Paulo: Aleph, 2013.

_____. *Limites da Fundação*. São Paulo: Aleph, 2012.

_____. *O futuro começou*. São Paulo: Hemus, 1978.

WOLLHEIM, Donald. *The Universe Makers*. New York: Harper & Row, 1971.